

Dossiê: Micro-história e saberes situados: colonialidade do poder e translocalidade

<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2025.v31.47540>

Espaço, interdependência e morfologia nas reflexões de Maurizio Gribaudi*

Space, interdependence and morphology in Maurizio Gribaudi's reflections

Espacio, interdependencia y morfología en las reflexiones de Maurizio Gribaudi

Deivry Ferreira Carneiro**

<https://orcid.org/0000-0002-5285-7693>

RESUMO: Maurizio Gribaudi, micro-historiador italiano radicado em Paris, pode ser considerado um dos principais nomes dessa vertente historiográfica no que diz respeito à análise do espaço e de conceitos correlatos. Como veremos, foi somente a partir dos anos 2000 que a questão espacial começa a aparecer como elemento central e/ou de fundo de seus trabalhos. Devido a essa peculiaridade, adotamos aqui uma abordagem cronológica, mas sobretudo, genealógica de sua obra no intuito de identificar e demonstrar o desenvolvimento da temática espacial e como isso foi impactando o resultado de suas análises. Isso permitiu visualizar melhor a sua trajetória, sem, evidentemente, insinuar uma relação mecânica de causa e efeito, bem como uma leitura anacrônica de sua obra, na qual seus últimos trabalhos, permeados por uma densa discussão sobre a questão do espaço, determinaria as origens de sua pesquisa.

Palavras-chave: Maurizio Gribaudi. Espaço. Trajetórias.

ABSTRACT: Maurizio Gribaudi, an Italian microhistorian based in Paris, can be considered one of the main names in this historiographical strand with regard to the analysis of space and related concepts. As we will see, it was only from the 2000s onwards that the spatial issue began to appear as a central and/or background element of his works. Due to this peculiarity, we have adopted here

* Pesquisa financiada pelo edital Universal Fapemig.

** Professor titular do Instituto de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Graduado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2001). Mestre (2004) e Doutor (2008) em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-doutor pela Université Paris 1 – Panthéon/Sorbonne. Pesquisador visitante na EHESS-Paris (2019). Autor de vários livros e artigos, dentre os quais: *Deciphering Carlo Ginzburg: form and time*. London: Routledge, 2024; *A forma e o tempo: decifrando Carlo Ginzburg*. São Paulo: Alameda, 2022; *Uma justiça que seduz? Ofensas verbais e conflitos comunitários em Minas Gerais (1854-1941)*. São Paulo: Paco editorial, 2019. Dedica-se a investigações ligadas à História do Crime e da Violência, bem como à Micro-História italiana. deivycarneiro@gmail.com.

a chronological, but above all, genealogical approach to his work in order to identify and demonstrate the development of the spatial theme and how this impacted the result of his analysis. This allowed us to better visualize his trajectory, without, of course, insinuating a mechanical relationship of cause and effect, as well as an anachronistic reading of his work, in which his last works, permeated by a dense discussion on the question of space, would determine the origins of his research.

Keywords: Maurizio Gribaudi. Space. Paths.

RESUMEN: Maurizio Gribaudi, microhistoriador italiano afincado en París, puede considerarse uno de los principales nombres de esta vertiente historiográfica en lo que respecta al análisis del espacio y conceptos relacionados. Como veremos, no fue hasta la década de los 2000 cuando la cuestión espacial comenzó a aparecer como elemento central y/o de fondo de sus obras. Debido a esta peculiaridad, hemos adoptado aquí un enfoque cronológico, pero sobre todo, genealógico de su trabajo con el fin de identificar y demostrar el desarrollo del tema espacial y cómo esto impactó en el resultado de sus análisis. Esto permitió visualizar mejor su trayectoria, sin insinuar, por supuesto, una relación mecánica de causa y efecto, así como una lectura anacrónica de su obra, en la que sus últimos trabajos, permeados por una densa discusión sobre la cuestión del espacio, determinarían los orígenes de sus investigaciones.

Palabras clave: Maurizio Gribaudi. Espacio. Trayectorias.

Como citar este artigo:

Carneiro, Deivy Ferreira. “Espaço, interdependência e morfologia nas reflexões de Maurizio Gribaudi”. *Locus: Revista de História*, 31, n. 1 (2025): 38-59.

Introdução

Existe atualmente, no campo da micro-história, uma discussão acerca do momento em que praticantes de tal paradigma historiográfico começaram a tratar efetivamente o espaço como objeto de pesquisa. Para Angelo Torre, a micro-história dos pais fundadores e aquelas produzidas nos anos 1980 não levaram a sério a questão espacial. Segundo ele, o espaço considerado pela micro-história italiana nesse momento, apesar de ter consistido em uma comunidade, uma cidade, um vale, uma família, um bairro ou uma instituição, era na verdade uma abstração na qual a ideia de espaço era constituída pelas relações sociais, não importando o quanto bem “localizada” elas fossem. Seja expresso em termos de redes, classes ou mobilidade social, não se tratava tanto de uma noção de espaço físico como categoria, mas como construção lógica, como contexto, carecendo do espaço físico e humanizado como categoria interpretativa (Torre 2020, 2-3).

Desde a década de 1990, especialmente entre especialistas da abordagem global, muita ênfase tem sido colocada no fato de que o local e o global são complementares e mutuamente referenciais. Tem-se argumentado que as dimensões globais dos fenômenos são principalmente verificáveis a nível local, e que, na verdade, é essa dimensão que nos permite apreender a substância do global. Termos como “glocalidade” foram introduzidos para descrever o suposto triunfo das forças homogeneizantes. Mas todas essas abordagens entendem “local” como a simples localização de fenômenos gerais, adotando um esquema de interpretação centrado no “espaço” em vez de localidade.

Apesar de essa ser a compreensão hegemônica acerca da relação entre os primeiros trabalhos microanalíticos italianos e a questão espacial, Maíra Vendrame, em texto recente, trouxe mais elementos que complexificam as afirmações de Torre, atribuindo a Edoardo Grendi, ainda nos anos 1970, a primazia de uma original preocupação em inserir o espaço nas análises históricas (Vendrame 2023).

Meu objetivo nesse artigo está longe de ser uma tomada de partido nesse debate sobre as origens da preocupação espacial entre os praticantes da micro-história italiana. Abordo, tão somente, as contribuições Maurizio Gribaudi e sua trajetória de discussão espacial, iniciada como apenas um contexto no qual se desenvolveram as redes de interdependência dos atores que compunham suas pesquisas, e posteriormente desenvolvida para algo mais sofisticado, relacionado à morfologia e análises topográficas.

De acordo com Charles Withers, *Lugar* é um dos conceitos mais fundamentais da geografia humana. É também um dos mais problemáticos (Withers 2009). O lugar, ou espaço regional de pequena escala, apresenta-se como uma subdivisão dentro da divisão tripartite clássica da cosmografia (a terra em relação a outros corpos planetários), geografia (a terra como um todo) e corografia (partes da terra ou geografia regional) (Withers 2009, 639).

Nesses termos, a noção de lugar, em pelo menos um sentido na história intelectual ocidental, é central para a própria definição de geografia e de história. Para o geógrafo político John Agnew, há três aspectos fundamentais do lugar: lugar como localização, como local e o sentido de lugar (Agnew 1990). Por localização entende-se a localização absoluta; as referências de grade que atribuímos a porções da superfície da Terra por posicionamento latitudinal e longitudinal convencional. Por local, Agnew entende o cenário material para as relações sociais, a morfometria real dos ambientes (domésticos, cotidianos etc.) em que as pessoas conduzem suas vidas. O senso de lugar seria o apego afetivo que as pessoas teriam por um determinado espaço (Agnew 1990, 8).

Essas distinções são úteis como uma tipologia preliminar. Entretanto, desde o final dos anos 1960 e 1970, essas concepções passaram a receber maior atenção principalmente dentro da

geografia humana. Ao mesmo tempo em que novas formas de ciência espacial orientadas matematicamente com o auxílio de computadores estavam sendo desenvolvidas, os geógrafos humanistas voltavam-se cada vez mais para as ideias relativas ao *senso de lugar*. A crítica desses intelectuais estava pautada no conceito de espaço como uma questão de geometria de poder despersonalizada, de aversão às generalizações jurídicas por meio das quais a geografia buscava um status científico. A preocupação era discutir o lugar como uma particularidade vivida e não como uma generalidade abstrata. Para geógrafos humanistas como Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer, David Semon e Edward Relph, o lugar não deveria ser estudado como uma unidade fracionária do espaço, mas como uma maneira de “estar no mundo” (Tuan 1974, 1977; Buttimer & Semon 1980; Relph 1976).

Para Yi-Fu Tuan, em seu clássico *Espaço e lugar a perspectiva da experiência*, a familiaridade com dada porção do espaço, pela experiência, faz torná-la lugar. Espaço e lugar são designações do nosso cotidiano, indicando experiências triviais do dia a dia. Não há necessidade de fazer um esforço consciente para estruturar nosso espaço, uma vez que este espaço em que nos movemos e nos locomovemos, integrante de nossa vida diária, é de fato o nosso lugar. Conhecemos o nosso lugar já que cada um tem seu lugar. Assim sendo, onde vivemos; nossa residência e nosso bairro inteiro se torna um lugar para nós. A própria pátria vista como o nosso lar afetivamente se torna um lugar. O espaço é segurança e o espaço é liberdade ou, ainda, o espaço é movimento e o lugar pausa: o espaço é mais abstrato e o lugar mais concreto. A valorização do lugar provém de sua concretude, embora seja possível de ser engendrado ou conduzido de um lado para o outro, é um objeto no qual se pode habitar e desenvolver sentimentos e emoções. Tal realidade concreta é atingida por meio de todos os nossos sentidos, com todas as nossas experiências tanto mediante a imaginação quanto simbolicamente (Tuan 2013).

Para esse autor, haveria uma escala específica para o lugar ou existiriam diferentes níveis de lugaridade? Há fortes razões para se creditar à escala local uma posição especial: devido à possibilidade de deslocamento diário, pela tendência de maior uniformidade linguística, em comparação com escalas mais abrangentes. Entretanto, é plausível considerar a existência de níveis de lugaridade, porém, tais níveis não obedecem a uma hierarquia pré-fabricada. Para uma pessoa específica, por exemplo, a região seria um referencial identitário forte, mas a ideia de país seria um referencial identitário fraco. Já para outra, se daria o inverso.

Desta feita, conhecer um lugar é desenvolver um sentimento topofílico ou topofóbico, não importando se é um local natural ou construído: a pessoa se liga ao lugar quando este adquire um significado mais profundo ou mais íntimo para ela (Tuan 2013). Todo lugar adquire identidade mediante as diversas dimensões espaciais, tais como a localização, a direção, a orientação, a relação,

o território, a espaciosidade, dentre outras coisas. Como veremos oportunamente, essa perspectiva se aproxima bastante de algumas defendidas por Gribaudi.

O espaço enquanto objeto central para compreensão da agência social

Discípulo de Giovanni Levi, poucos historiadores são mais capacitados do que Maurizio Gribaudi no que diz respeito à produção de análises sobre a história da Paris popular da primeira metade do século XIX. Tendo se especializado em demografia e morfologia urbana, Gribaudi publicou, no fim dos anos 1980 (Gribaudi 1987), uma obra inovadora sobre a mobilidade dos operários de Turim no século XX, analisando, por meio da metodologia da *network analysis* e da obra de Fredrik Barth, os elementos que levaram os operários desta cidade, antes socialistas, a abraçarem os ideários do fascismo nos anos 1940. Nesse livro, o historiador italiano é particularmente enfático ao questionar o mito da suposta imutabilidade e solidez do mundo operário de Turim, examinando a mobilidade geográfica e social dos trabalhadores individuais no espaço urbano. Nas várias vicissitudes do grupo de imigrantes de Turim de Borgo San Paolo entre as guerras, a estabilidade ao longo do tempo e a solidez de uma condição imutável da classe trabalhadora não eram tão evidentes quanto a variedade de rotas sociais e espaciais diferenciadas dentro da cidade.

Observa-se nessa pesquisa três abordagens complementares: a do demógrafo, que mede a migração e seu papel decisivo no crescimento de uma cidade industrial; a do historiador, que descobre as modalidades de assimilação do povo rural, imerso em uma condição de classe trabalhadora em rápida mudança e integrando-se da melhor forma possível à vida dos bairros operários; e, por fim, as do cientista político tentando entender como, no coração de uma cidadela do socialismo, se estabelece o reinado do silêncio, prelúdio de uma surpreendente desmobilização ideológica.

Com base em registros civis, censos e uma coleção de genealogias, o autor reconstrói o comportamento familiar, itinerários profissionais e múltiplas trajetórias individuais de duas aldeias piemontesas para construir uma gama completa de caminhos sociais e variantes de mobilidade oferecidas pelo ambiente urbano, a partir da consolidação de um processo de migração campo/cidade. Em seguida, o autor procura apreender os fatores que condicionam as escolhas individuais ou familiares. Para tanto, ele se apropria de um método segundo o qual o indivíduo age racionalmente e desenvolve estratégias que tentam melhorar sua posição, algo aprendido com seu *maestro*, Giovanni Levi, que se utiliza do mesmo método em seu livro *A Herança Imaterial* (Levi 2000). A racionalidade, por sua vez, é função das experiências individuais e das informações fornecidas pelos ambientes de sociabilidade.

A partir do final do século XIX, o crescimento de Turim e a renovação de seus habitantes foram quase inteiramente condicionados pela intensidade da migração. Os percursos profissionais e geográficos (pelos bairros operários) revelam então um verdadeiro “de integração urbana”. O autor destaca as variáveis que condicionam os diferentes modos de integração ao ambiente urbano: estrutura familiar, idade no casamento, vínculos familiares. Acrescentemos a isso a relação com o espaço urbano; o assentamento no centro ou na periferia, tudo levando em conta a situação econômica. Todas essas variáveis interferem e levam a uma dispersão de estilos de vida e formas de sociabilidade (Gribaudi 1987).

Na segunda parte, Gribaudi mostra como essas diferenças culturais tradicionais se articulam, de um lado, e a penetração de uma nova ideologia de cunho fascista. Por volta de 1910-1920, o discurso político defendia a homogeneidade e a coesão. No entanto, uma análise mais profunda revela a persistência de tensões e conflitos latentes. A partir de 1930, a sociabilidade desmoronou, o individualismo tomou conta do mundo operário de Turim. Ao mesmo tempo, houve silêncio em torno do discurso socialista. As aspirações da classe trabalhadora foram sendo substituídas pelo esporte, pelo consumo de massa e pela própria propaganda fascista. A desintegração da coesão foi, em parte, o resultado de contradições entre as aspirações “moderno-socialistas”, e aos poucos, muitos jovens aceitam, ora resignados, ora seduzidos, o regime e sua ideologia totalitária.

Os resultados da abordagem adotada nesta segunda parte merecem um comentário. O autor acompanhou a evolução de um grupo de amigos da mesma aldeia. Enquanto os itinerários desses jovens e suas famílias ilustram os mecanismos analisados na primeira parte, a riqueza de informações coletadas por entrevistas, combinada com medidas demográficas, proporciona uma melhor compreensão da relação entre cidade e campo. A “fuga” das aldeias só pode ser entendida como um contraponto à integração de uma enxurrada de imigrantes nos amplos centros industriais, enquanto a penetração do fascismo nos espaços socialistas andava de mãos dadas com a fragmentação da sociabilidade e, portanto, da coesão dos trabalhadores.

Nessa primeira obra de fôlego de Gribaudi, o espaço é ainda abordado como algo predominantemente social. É por meio de estratégias familiares, de migração e de relação com os discursos e práticas socialistas e fascistas que o burgo de San Paolo se transforma lentamente. O espaço funciona aqui mais como cenário; o palco, no qual os atores interagem, mas não como um objeto analisado. Todavia, é importante ressaltar que ainda assim, Gribaudi percebe claramente que os bairros operários, periféricos quase que por definição, atuaram no estreitamento de uma gama de relações sociais que, se num primeiro momento atuou como canalizador de aspirações socialistas, a partir dos anos 1930, facilitou, juntamente com uma série de fatores, a adoção de

elementos ideológicos do fascismo pela classe trabalhadora. O espaço é visto como facilitador de redes de interdependência social.

Já no início dos anos 1990, Gribaudi começa a se interessar e a publicar pesquisas nas quais o espaço, ou a escala, melhor dizendo, se torna seu foco de investigação. É interessante notar que a reflexão adotada por ele nesse momento tem sido retomada, como referência, por historiadores que nos últimos quinze ou dois anos tentam relacionar as contribuições da micro-história com os desafios colocados pelo desenvolvimento da História Global. Discutiremos o assunto no final desse capítulo.

Em 1994, Gribaudi publica um capítulo de livro no qual tenta sofisticar as questões acima analisadas, buscando relacionar a questão da escala com a da configuração, analisando o tipo de retórica e narrativa que diferenciariam, de fato, as abordagens micro e macro (Gribaudi 1994). É perceptível que, ainda nesse momento, o espaço, seja ele amplo ou circunscrito, não se apresenta como um problema em si, já que a preocupação principal desse autor é com o aspecto interacionista das relações sociais. Segundo ele, naquele momento, o debate micro/macro se desenvolvia em duas frentes: 1) de um lado, tratava-se das capacidades de generalização ou de especificação de cada abordagem; 2) de outro, tratava-se da natureza diferente dos fenômenos sociais que cada nível de escala faz aparecer. Todavia, para Gribaudi essas duas frentes de percepção seriam secundárias para pesquisa histórica, pois a verdadeira oposição das grandezas analíticas deveria ser pensada em termos de modalidades diferentes da formalização causal dos fenômenos sociais e das evoluções históricas. Em outros termos, a grande diferença entre os dois recortes estaria não no tamanho do objeto ou nível de análise, mas nas justificativas empíricas e retóricas diferentes, que seriam irreduzíveis uma à outra, tanto que até a questão de uma escolha de escala perderia sua centralidade (Gribaudi 1994, 121).

Para Gribaudi, a abordagem macro seria dedutiva e especificaria suas provas por um modelo global. Aqui a construção causal seria dada pelas categorias tiradas do modelo onde os dados empíricos têm função de ilustração feitas por meio de operações retóricas e/ou estatísticas. Já a micro seria indutiva, e individualizaria mecanismos e os generalizaria por meio das fontes. A construção causal não é dada *a priori* e sim feita via documentação que permitiria individualizar os mecanismos sociais que se encontram além do objeto e das categorias historiográficas que o informam. A retórica prioriza o processo das ações, ou seja, é generativa.

Para exemplificar a superioridade analítica da abordagem micro e suas especificidades em relação à causalidade, Gribaudi utiliza o já citado livro de Giovanni Levi. Nessa obra, observamos um processo histórico que se desdobra em dinâmicas que colocam em jogo configurações sociais complexas, não-lineares e imprevisíveis. Assim, a causalidade é pensada como abertura onde as

ações individuais e o contexto assumem papéis fulcrais. Entretanto, e paradoxalmente, percebe-se que o contexto perde, nessa abordagem, o estatuto privilegiado de objeto de análise, pois a atenção recai sobre as formas de interação entre os atores social e seu meio, ou seja, recai sobre os mecanismos que geram suas formas. Em suma, o espaço continua a ser percebido aqui como um cenário no qual se desenrolam as interações que constroem as formas de sociabilidade e justificam modelos comportamentais.

Apesar disso, Gribaudi afirma que a sua reformulação do conceito de escala infere uma nova percepção da pesquisa histórica: a causalidade dos fenômenos sociais seria dada, portanto, pelo contexto (mais relacional que espacial) e pela interação. A análise dos indivíduos e suas interações permitiria apreender os conjuntos particulares que pesaram nas escolhas dos atores. Tem-se nesta abordagem, uma tentativa de formular um modelo de causalidade das evoluções sociais menos rígido e hierarquizado, sendo essa uma ruptura radical com as abordagens macros, pois essa opção implica em escolhas de método, de retórica e de níveis de prova radicalmente diferentes. No nível da retórica, por exemplo, não se individualizaria comportamentos típicos para ilustrar normas ou modelos, a preocupação estaria em pegar todas as variantes comportamentais. O significado dos comportamentos e das representações passa a ser encontrado nas intenções dos atores, captadas em seus contextos (Gribaudi 1994, 134).

A grande diferença, e talvez a grande contribuição da abordagem micro, estaria no fato de nos atermos a configurações causais onde os protagonistas são indivíduos concretos e não fenômenos estruturais. Estes se situam e se determinam na presença e no interior de configurações relacionais que remetem a ligações, representações e dinâmicas situadas contemporaneamente em níveis diferentes do espaço social. Desta feita, para Gribaudi, deve-se atentar que cada estruturação global do espaço, cada forma sincrônica, é produto de movimentos que se fazem a partir de interesse e perspectivas diferentes, de atores diferentes que utilizam seus recursos no contexto de seu campo de pertencimento, o que ocasiona mudanças e descontinuidades no espaço social.

Entretanto, é importante destacar aqui que o espaço ainda é sobretudo social nesse momento da trajetória de Gribaudi. Uma mostra disso é que, no final do capítulo, ele assinala a importância do conceito de configuração, adaptado das reflexões de Norbert Elias, que nos permitiria pensar o princípio básico do porquê os indivíduos estão ligados entre si, constituindo configurações dinâmicas específicas. A imagem que se alcançaria seria, portanto, a de uma configuração, ou seja, de uma formação social em que os indivíduos estão ligados uns aos outros por um modo específico de dependências recíprocas (interdependências). Estas redes de dependências recíprocas fazem com que cada ação individual dependa de toda uma série de outras,

que modificam, por sua vez, a própria imagem do jogo social. Só assim se conseguiria, de acordo com o autor, dar conta da descontinuidade que marca o espaço social (Gribaudi 1994, 149).

Em suma, para Gribaudi, até esse momento de sua carreira, a questão espacial aparece apenas relacionado às redes de interdependências dos atores sociais e não relacionada de fato com espaço enquanto lugar, que é criado, reelaborado e destruído pelo conjunto de apropriações e ressignificações do mesmo. É somente no final dos anos 1990 que esse quadro começa a se modificar.

Com *Espaces, temporalités, estratification: Exercices sur les réseaux sociaux* Gribaudi abordou os problemas metodológicos envolvidos no crescente interesse em estudar os laços sociais e as redes que os indivíduos tecem na cidade. Essas redes mostram com precisão os mecanismos de agregação social. A análise micro-histórica das trajetórias dos indivíduos individuais, longe de reduzir a observação, pode ser particularmente adequada para a compreensão de dinâmicas sociais mais globais. Desta feita, ele conduziu, juntamente com outros pesquisadores, uma reflexão coletiva ambiciosa, a um só tempo empírica e teórica, sobre os vínculos e as redes sociais nas quais os atores sociais se inscrevem, mas igualmente sobre as relações entre estruturas e dinâmicas sociais (Gribaudi 1998).

Trata-se de uma coletânea de artigos que constituem o primeiro fruto de um trabalho de reflexão sobre os conceitos de lugar e de rede. Esses artigos buscam interrogar sobre valor heurístico desses dois conceitos num quadro de pesquisas sobre as formas de coesão e de estratificação de um espaço social. Os conceitos de lugar e de interação estão dentro dessa ótica, profundamente ligados a uma imagem de um sistema dinâmico que evolui perpetuamente e que é sensível ao mesmo tempo aos movimentos de cada um dos seus componentes as suas estruturações particulares e às dinâmicas específicas que as engendram.

Gribaudi afirma que devemos nos atentar para os mecanismos que presidem as interações do grupo, ao estudo do conjunto de lugares exteriores aos atores e que convergem o espaço de um grupo. Todos esses elementos exprimiriam uma concepção das relações das dinâmicas sociais cuja riqueza e complexidade foram totalmente deixadas de lado pelos trabalhos dos americanos que estudaram redes sociais.

Segundo ele, mesmo a noção de espaço geográfico varia em função do quadro relacional e das formas de coerência em relação aos quais ela se refere. O espaço físico da cidade varia consideravelmente de acordo com as modalidades das práticas relacionais e os mesmos lugares possuem funções diferentes de acordo com as formas de coerência social nas quais elas se inscrevem. É impossível, para o historiador italiano, pensar o espaço social como estruturado de maneira homogênea pelos mesmos fenômenos. Também seria impossível que atores sociais

diversos se utilizassem dos mesmos parâmetros para sondar e analisar o conjunto de um espaço social (Gribaudi 1998, 39). Segundo ele, devemos mudar nossas perspectivas analíticas: parar de compreender os fenômenos sociais a partir da difusão e da frequência de uma prática para tentar imaginar os conceitos fundados sobre as modalidades segundo as quais várias práticas se conjugam nos contextos sociais. Isso aponta para a compreensão do lugar social como algo heterogêneo, variando em função das lógicas configuracionais que as engendram. São essas lógicas que parecem caracterizar o espaço social, marcando as diferentes percepções e perspectivas dos atores que dividem e constroem esse mesmo espaço.

Podemos notar até aqui que, para Gribaudi, ao longo dos anos 1990, a ideia de espaço foi modificada, deixando de ser *apenas* o contexto ou cenário nos quais se construía as redes de interação para um conceito mais próximo daquele desenvolvido pelos geógrafos. Entretanto, é preciso destacar que a ideia de espaço como teia resultante da rede de interdependências dos atores sociais não é abandonada pelo historiador italiano, como veremos a seguir.

No início dos anos 2000, Gribaudi publica um importante artigo na revista *Quaderni Storici*, no qual analisa a trajetória de quatro operários na França do século XIX (Gribaudi 2021) e cujo objetivo mais amplo era responder uma pergunta complexa: *como apresentar e sobretudo, como descrever percursos que se cruzam num espaço que se modifica a cada movimento?* Para tanto, Gribaudi critica uma perspectiva usual na análise de trajetórias. Segundo ele, a história social mais tradicional teria por característica descrever um indivíduo ou um grupo, um emigrante ou uma comunidade, que se deslocam entre dois espaços físicos e culturais pensados, ao mesmo tempo, como diferentes e estáveis. O emigrante é aquele que deixa um lugar e uma cultura bem definidos para ir em direção a um outro lugar e uma outra cultura, igualmente compactos e coerentes. Tomando o indivíduo e o contexto como duas entidades separadas, afirma Gribaudi, perde-se a possibilidade de considerar a natureza do espaço social através dos usos concretos feitos pelos indivíduos que o compõem. O indivíduo e o espaço social evoluem e se modificam mutuamente, sendo um, parte do outro.

Nesse artigo, ao pensar a experiência individual em toda a sua particularidade como parte indissociável de um contexto, o historiador italiano destacou a natureza pluridimensional do espaço social. As experiências desses indivíduos se inscrevem e adquirem significados dentro de um horizonte social no qual são interpretadas formas específicas de combinar símbolos, recursos, lembranças, expectativas etc. Através dessa ótica, a França do século XIX se mostra, portanto, como um espaço no qual coexistem e se sobrepõem diversas sociedades.

Sob essa ótica, fica claro que o percurso individual aparece não tanto como uma trajetória mais ou menos linear de um conjunto compacto, mas como uma série de deslocamentos e de reajustes de um enorme emaranhado de relações, experiências, lembranças e imagens aglutinadas

ao redor de um ponto de uma dessas zonas sociais. Esse emaranhado apresenta nós que se reproduzem ou tendem a reproduzir-se ao longo dos movimentos migratórios, englobando novos elementos, readaptando-os à própria lógica e transformando-se, todavia, por meio dessas mesmas dinâmicas.

Esse é um processo ativo cuja natureza mostra ao menos duas importantes implicações: de um lado, a presença de numerosas relações, abertas entre espaços geográficos os quais estamos acostumados a interpretar por meio dos conceitos de *origem* e *destino*, como definitivamente separadas; do outro lado, cada um desses espaços é dotado e caracterizado pelas modalidades através das quais as experiências e as práticas sociais se transformam continuamente (Gribaudi 2021, 162 a 168).

Não entrarei aqui nos detalhes das trajetórias analisadas por ele. Meu objetivo é demonstrar como ele percebe essa complexa relação entre interação e espaço. Para tanto, Gribaudi evoca algumas reflexões de C. Geertz, para quem cada indivíduo possui uma *agenda oculta*, uma espécie de lista de relações, interpretações causais, imagens, crenças, tudo quanto possa lhe ser útil, a fim de observar a sociedade, interpretá-la e agir sobre ela (Geertz 1981). Amparado nessa teoria, o historiador italiano busca *ler* as práticas sociais como textos que precisam ser decifrados, para deles serem apreendidas as formas e as lógicas internas.

A análise desses percursos individuais confirma, portanto, a natureza, ao mesmo tempo individual e social dessas configurações. Por um lado, é evidente que elas são totalmente estruturadas e definidas em seus conteúdos, pelo conjunto das experiências e das práticas concretas dos indivíduos que as encarnam. Isso é destacado várias vezes. Um recurso, um fato histórico, um discurso, uma relação, um salário ou ainda um acontecimento demográfico, não têm em si nenhum significado. Assumem um significado unicamente no horizonte concreto e preciso da experiência individual. Por outro lado, é igualmente evidente que essas configurações se formam e se mantêm também porque articulam grupos de experiências e de práticas sociais análogas, ou ao menos convergentes em relação ao modo como utilizam certos recursos mais do que outros, como propõe certos tipos de relação mais do que outros, como imaginam e como constroem as hierarquias sociais, como concebem, fabricam e põem em funcionamento as cosmografias sociais.

Assim como as configurações individuais, os espaços profissionais e sociais evocados através das experiências desses personagens, evoluem no sentido da continuidade e da ruptura: continuidade, em função da permanência que o número de elementos interagentes confere a cada forma social; ruptura, pela flexibilidade que caracteriza essas mesmas formas em cada mudança ocorrida em qualquer uma das suas partes, seja periférica ou central.

Ao analisar sobretudo a trajetória de dois desses quatro operários, que tiveram histórias de vida muito semelhantes, Gribaudi afirma que o percurso individual nos leva a uma maneira particular de conexão, através da experiência vivida, dos recursos, das relações, das imagens, dos discursos e das representações da sociedade mais ampla. Mais uma vez, essas formas sincréticas nos aparecem como reais e possíveis, como parte das áreas mais vastas povoadas por outras figuras, cujas experiências estão em consonância ou se integram com aquelas que observamos. Enquanto para algumas pessoas *existe um significado* pensar a sociedade como caracterizada pelo pertencimento regional, para outras faz sentido pensá-la como hierarquizada, dividida em classes, mas com ligações diretas de troca, e para outras ainda, faz sentido pensar a prática do ofício não somente como recurso econômico, mas também e, sobretudo, como lugar de construção de identidade social.

O historiador italiano afirma nesse artigo que a relação indissociável de cada percurso com a natureza do espaço social no qual eles se desenvolvem pode ser vista claramente através das biografias analisadas. Cada um desses personagens vive em uma França diferente, estruturada a partir das suas práticas e das suas emoções, e também, pelas relações de força que se estabelecem dentro do espaço mais vasto. Para Gribaudi, para apreender os sentidos de tais percursos e experiências sociais é, portanto, mais que necessário reconstruir a geografia desses espaços, inventariar a gama de elementos que os compõem, medir a sua consistência e identificar suas proximidades com outros espaços, outras zonas de coerência.

Entretanto, podemos afirmar que a questão do espaço se torna a questão central das pesquisas de Gribaudi em meados dos anos 2000, quando ele começa a publicar um conjunto de artigos e capítulos de livros (Gribaudi 2004; 2009; 2009b; 2009c; 2010; 2013) que, mais tarde, comporiam o material do seu último e mais importante livro, publicado em 2014 (Gribaudi 2014). Sem deixar de ser visto como o contexto no qual redes de interdependência ocorrem, o espaço passa a ser analisado como um objeto de pesquisa em si mesmo. Vejamos, então, a título de exemplo, um artigo no qual essa discussão aparece de forma mais enfática.

Em *Ruptures et continuités dans l'évolution de l'espace parisien* (Gribaudi 2009b), Gribaudi critica a forma como a evolução espacial de Paris teria sido tratada pela historiografia. A evolução dessa cidade, ao longo do período contemporâneo, é frequentemente ligada e interpretada como um processo único ao longo do qual a cidade do Antigo Regime se reestrutura para se transformar progressivamente na capital do século XIX. Essa visão, bem conhecida e quase icônica, conjuga o desenvolvimento dos ricos bairros do Oeste com o crescimento de novas formas arquitetônicas e comerciais. Nas representações dos contemporâneos, esses bairros constituem um espaço

estrutural imóvel onde se acumula de maneira desordenada uma população colorida de comerciantes, artesãos, trabalhadores e marginais.

Desta feita, em um estudo aprofundado, conduzido sobre uma parte de um bairro do centro parisiense entre o fim do século XVIII e a primeira metade do século XIX, Gribaudi mostra que, longe de serem abandonados e caóticos, esses antigos bairros se revelam como lugares dinâmicos que testemunham o crescimento de uma modernidade “outra” que aquela desenvolvida nos novos bairros do Oeste. Esses bairros conhecem um crescimento extremamente importante ao longo do período. Entre 1800 e 1848, não somente a população local aumenta em 40% e enriquece, mas ainda a própria estrutura das construções se transforma e muda claramente de natureza. A análise detalhada da construção urbana e da população residente destaca um fenômeno de mutação morfológica operada pela conjunção e pela superposição de diferentes fatores. Em algumas décadas, sob a ação convergente desses fenômenos, um trabalho de formigas se apodera do centro da cidade e transforma totalmente sua fisionomia.

Gribaudi nos mostra que o centro da cidade do século XVIII contava, de fato, com várias dezenas de conventos, hospitais e *hôtels particuliers*¹, embelezados por numerosos jardins e pátios em claustros. Por três vezes (pela venda de bens nacionais em 1789, dos da Igreja em 1792 e daqueles dos Hospícios em 1808), todos esses espaços são leiloados. Pátios e jardins são então progressivamente investidos por uma população de fabricantes, artesãos e negociantes que instalam suas atividades, transformando esses lugares em centros especializados na produção de artigos diversos e frequentemente sofisticados.

A chegada massiva e o desenvolvimento dessa população são o fenômeno mais marcante do processo. Essa não ocupa unicamente os pátios e os jardins de outrora; ela constrói pequenas casas e alojamentos, galpões e casas. Em uma dinâmica de construção que guarda tanto da bricolagem quanto da construção planejada, os lotes e os terrenos se tornam densos e se subdividem enquanto os novos laços se produzem a partir e em torno desses centros de produção. Em menos de vinte anos, o espaço se transforma e se torna mais denso. Jardins, pátios e galinheiros dão lugar a um conjunto de casas nas quais se instala uma multidão cada vez mais densa de fabricantes, artesãos, operários e de comerciantes de todo tipo. Um microcosmo de produção muito ativo que incita os proprietários da época a abrir novas passagens e a construir novas casas.

¹ Na França, o vocábulo *hôtel particulier*, escrito acima no plural, designa um edifício construído no centro da cidade para moradia de apenas uma família, normalmente pertencendo à alta burguesia, e caracterizado pelo seu luxo. Por não estarem conectados diretamente à rua, suas entradas são precedidas de um pátio e os fundos possuem frequentemente um jardim.

O estudo das transformações morfológicas do espaço urbano exigiu de Gribaudi o georreferenciamento do conjunto dos mapas encontrados em diferentes arquivos em um único referencial espacial. A relação dessas mutações com as informações qualitativas e quantitativas revelam as numerosas interdependências entre morfologia urbana e práticas sociais. Os tratamentos de georreferenciamento e de análise espacial foram realizados com o *software* livre QuantumGIS.

A ligação de fontes numerosas e variadas (hipotecas e títulos notariais; antigas censivas² e *terrier*³ do rei; pequenos cadernos de notas, *sommiers*⁴ e folhas cadastrais; certidões de estado civil e registros paroquiais etc.) destaca processos extremamente complexos e, até aquele momento, ignorados. Longe de constituir um espaço abandonado e caótico, o antigo centro da cidade aparece como sede de uma forma de modernidade paralela e oposta àquela desenvolvida nos novos bairros do Oeste e representada pela cultura dos bulevares. A análise de uma porção significativa do espaço urbano mostra também que as transformações da cidade se fazem sempre em uma dinâmica de interação entre vários fatores e fenômenos. Se a morfologia do tecido arquitetônico determina as evoluções possíveis, sua natureza e suas formas precisas são configuradas pelos investimentos específicos dos atores presentes em cada momento na dianteira do movimento.

Em um ponto central do artigo, Gribaudi nos mostra que a reformulação espacial do centro de Paris gera também uma mudança nos grupos que passam a viver e a trabalhar nessa região. De um lado, temos comerciantes e negociantes em fim de carreira que investem suas economias no ramo imobiliário. Acresentem-se artesãos e sobretudo comerciantes que se asseguram a propriedade do imóvel no qual estabeleceram sua atividade. De outro lado, um grupo mais considerável de comerciantes e negociantes compra imóveis a fim de instalar um comércio. Trata-se de três padeiros, três comerciantes de vinho e um cervejeiro, que testemunham a centralidade e a rentabilidade dessas atividades nessa época e nessa parte específica da cidade.

Gribaudi nos mostra então que a imagem emergente desses espaços está muito distante daquelas evocadas por numerosos administradores e observadores da época. Longe de aparecer como porções da cidade mantidas fora da dinâmica do progresso que teria investido unicamente o Oeste e os *faubourgs* da cidade, esses bairros se mostram mais do que nunca como centros ativos e inovadores. Todavia, ancorados em espaços pensados e representados como antigos e atrasados,

² Do latim medieval *censiva terra*, a censiva designava a terra submetida a um censo anual. Algumas informações obtidas junto ao Arquivo Nacional francês permitem afirmar a existência de 154 censivas na cidade de Paris, as quais deixarão de existir em 1789. Além disso, à parte o Rei e a Cidade, os principais senhores fundiários são os estabelecimentos religiosos.)

³ No direito feudal, *terrier* é um registro onde são registradas a extensão e a renda da terra, os limites e direitos de um ou mais feudos de um senhor.

⁴ Um *sommier* é um registro financeiro no qual são inscritas cronologicamente as somas recebidas e designam, sobretudo, documentações do Antigo Regime.

retivemos, sobretudo, de sua complexa fisionomia, os elementos que os aparenta mais ao passado, ocultando a novidade das combinações sociais e profissionais que hospedam.

Gribaudi revela assim que a historiografia francesa conhece mal a vida dos antigos bairros parisienses ao longo da primeira metade do século XIX, em virtude do mito construído em torno de uma modernidade parisiense que acamparia unicamente nos cafés e nos teatros dos grandes bulevares ou nos salões dos novos bairros. Em razão também dos olhares contraditórios e jamais bem focalizados, que gerações de higienistas e magistrados, eruditos e romancistas concentraram sobre esses espaços. Mas se lhe concedemos um olhar atento e não generalista, esses espaços, com seus becos, seus pátios e suas tortuosidades labirínticas, estão longe de aparecer unicamente na dimensão da marginalidade opaca e mórbida que emana das representações da época. Longe disso, a trama do tecido urbano e social desses bairros se revela sobretudo como o produto de uma construção coletiva, não programada, mas, entretanto, perfeitamente racional, que soube reconverter e adaptar, por mil intervenções, as antigas construções às exigências específicas de uma produção em massa de bens de luxo.

Enquanto a imagem de uma nova modernidade se instala nos bulevares, uma outra modernidade se desenvolve nos antigos bairros da cidade. Menos deslumbrante, ela interpela, todavia, pela potência das forças que a animam. Difícil dizer se essas formas teriam se desenvolvido mais dando à luz a um projeto viável, de um outro futuro para a cidade. Mas é certo que 1848 encerra a experiência que Haussman segue de perto, apagando sistematicamente todos os pontos vitais que tinham crescido na cidade.

É claro que estes são apenas aspectos parciais de uma série de dinâmicas mais amplas e, sobretudo, muito mais complexas. Mas eles tornam possível ver que o que caracteriza o presente de uma cidade em qualquer momento de sua evolução não é, portanto, uma única forma e coerência, mas uma configuração de formas que coagulam diferentes coerências dos mesmos materiais, as mesmas referências comuns. É essa configuração específica de formas contraditórias, representações e discursos, que o historiador pode reconhecer como característica da fisionomia de uma cidade num momento específico de sua evolução.

Se as tensões que o atravessam caracterizam o presente de uma sociedade, elas também a animam, a tornam viva e instável, dão-lhe movimento. A sociedade parisiense da primeira metade do século XIX é literalmente empurrada para a frente pelas tensões e contradições que a atravessam. Assim, Gribaudi nos revela que, insistindo nos elementos de continuidade, a maioria das narrativas historiográficas sobre a cidade apagaram totalmente os traços das tensões que a atravessam e dos diferentes futuros que permitiram vislumbrar, cobrindo-os com uma imagem calma e calmante da evolução histórica. Quebrar essa continuidade, pensando na forma como um

campo de práticas e representações em permanente tensão, torna possível encontrar a história de uma sociedade em toda sua força e vitalidade, com seus dramas, suas rupturas e seus pontos cegos.

Por fim, Gribaudi lançou, em 2014, uma obra que oferece uma nova interpretação, devido a sua abordagem microanalítica, das formas de organização dos meios populares parisiense desde a Revolução Francesa até a Revolução de 1848 (Gribaudi 2014). Neste livro, ele sintetiza todos os métodos de pesquisa utilizados ao longo de uma carreira rica na produção de textos de referência, nos quais demonstra a sua percepção acerca dos trabalhos e reflexões teóricas de autores como Giovanni Levi, Norbert Elias, Marc Bloch, Charles Tilly, Edward Shorter, Peter Laslett, J. Clyde Mitchel, A. L. Epstein, Jeremy Boissevain, Fredrik Barth, dentre outros.

Com *Paris ville ouvrière. Une histoire occultée, 1789-1848*, Gribaudi explica que essa breve experiência revolucionária só adquire sentido como resultado da longa gestação, durante a primeira metade do século XIX, de uma Paris operária e popular, de bairros operários no centro histórico, como vimos anteriormente dotados de um dinamismo, de uma complexidade industrial e de uma densidade socioespacial que, longe de serem a materialização de um espaço “atrasado” e estruturalmente imóvel, eram, ao contrário, portadores de um modelo de “modernidade operária” tão ou mais relevante que a Paris burguesa das Grandes Avenidas.

O protagonista do livro é o mundo operário. Mas o mais importante é que Gribaudi constrói pacientemente um método de análise onde o espaço urbano é o companheiro indispensável da narração de processos e eventos históricos. Nenhuma de suas reflexões se torna clara para o leitor sem a explicação que *situa* os fatos, que nos diz o *onde*. Como na boa história urbana, a variável espacial mostra-se como sua própria particularidade. O espaço social é o componente essencial da história. Não há compreensão possível do mundo operário sem uma compreensão profunda dos espaços em que ele se desenvolve, desde os espaços de trabalho, até os de vizinhança e os de lazer. O tempo, nessa obra, não pode ser compreendido sem espaço, sem *situar* e analisar o lugar dos acontecimentos e processos. Apesar da *virada espacial* das ciências sociais (que também atingiu a história), ainda não é fácil encontrar no mundo dos historiadores uma narrativa em que o espaço deixa de ser um receptáculo inerte dos processos sociais para se tornar uma variável com capacidade explicativa própria.

O primeiro grande bloco temático do livro aborda as representações dessa cidade operária e industrial e as mudanças na percepção dos discursos burgueses sobre ela até a cristalização do mito da cidade industrial e perigosa, que seria o discurso hegemônico a partir de 1830. Enquanto a venda dos “bens nacionais” libertou enormes bolsões de terras confiscadas sobre as quais a especulação imobiliária ergueria os novos bairros burgueses da zona oeste da cidade, as terras liberadas do centro foram divididas e ocupadas por uma massa de fabricantes, artesãos e

comerciantes que montaram fábricas, oficinas e armazéns. Bairros ricos, regularizados e arejados na periferia e adensamento, atividade industrial e superlotação nos bairros antigos do centro.

As primeiras referências e visões do mundo operário nos anos imediatamente seguintes à Revolução de fato falam de uma sociedade ainda entrelaçada, ainda distante da visão polarizadora que se seguiu. Complexidade e convivência denotam aquela Paris artesanal, pré-industrial, mas cada vez mais operária e manufatureira: uma mistura e justaposição de grupos sociais necessariamente diferentes; a vida de bairro como algo essencialmente articulado entre o povo, a burguesia e as elites, uma imagem polimorfa dos bairros populares, que são vistos como um componente normal e necessário do organismo urbano.

A Paris industrial também é descrita como parte integrante e coerente da paisagem urbana. A indústria, a oficina e a manufatura ainda não são rejeitadas (“desde que não incomodem muito, são aceitas, até incentivadas”). A narrativa construída pelas elites industriais e pelos primeiros higienistas olha com respeito e reciprocidade para o mundo da classe trabalhadora porque compartilha interesses diretos e convive com ela, proximidade notadamente devido à crescente centralidade ocupada pelas ciências naturais e, particularmente, pelo desenvolvimento da indústria parisiense.

À medida que a cidade desdobra os sinais de sua nova modernidade ao longo das avenidas e passagens burguesas, aumenta também a distância do que não pode ser facilmente inscrito nessa nova paisagem urbana. Pouco a pouco, o centro antigo da cidade será percebido como uma ruína, como um vestígio, “um espaço caótico e doentio”, tomado por miasmas e cólera, cuja existência passa a ser atribuída aos trabalhadores pela burguesia local. Os bairros populares são homogeneizados sob um denominador comum de insalubridade, doença e miséria. As classes populares e suas formas de sociabilidade, suas práticas e sua condição ignorante são responsabilizadas diretamente pela epidemia e pela doença.

As estratégias de intervenção na cidade que emergem da imposição do modelo burguês à cidade popular representam a cristalização desse modo abstrato de intervir a partir de uma visão pré-estabelecida, inconsciente da realidade existente, portadora de um desejo de dominação e de imposição de um modelo social. A insalubridade moral é atribuída à forma urbana, à estrutura labiríntica das ruas. A propagação da cólera é atribuída à ignorância das classes populares.

Por trás do véu de imagens com que as elites parisienses observam o espaço de trabalho, o segundo grande bloco temático do livro revela as “outras modernidades parisienses”, as da materialidade autêntica dessa cidade operária, de suas atividades industriais, de seus trabalhadores e artesãos, a vida e as sociabilidades desse mito distorcido. Um olhar muito mais sensível sobre a

complexa dinâmica que se desenrola dentro dos bairros operários agora nos dá imagens completamente diferentes da Paris operária e popular.

Um primeiro elemento de contraste com a visão das elites sobre atraso e estagnação física e moral é dado pela própria demografia. Apesar da densidade que os caracteriza, os espaços centrais quase duplicaram o seu número de habitantes entre 1800 e 1850. Baseada principalmente na imigração, a explosão populacional mais intensa da cidade está ocorrendo justamente nesses bairros do centro. O novo impulso do centro de Paris é acompanhado pelo desenvolvimento espetacular de numerosas atividades industriais e artesanais, incluindo o nascimento e a consolidação de uma indústria particularmente inovadora, baseada na reciclagem intensiva dos resíduos da cidade.

Em seguida, Gribaudi explica aos leitores que essa renovação da fábrica parisiense foi possível pela formação de um tecido socioespacial que permitiu a co-presença de um rico tecido relacional particularmente bem-adaptado à troca e integração de diferentes saberes profissionais, em espaços de enorme dinamismo. Ele revela que as operações imobiliárias realizadas no centro antigo da cidade se baseiam principalmente na transformação progressiva do tecido construído sob a ação de novos proprietários e inquilinos. Pouco visíveis e pouco estudadas, essas formas de intervenção têm enorme impacto na estrutura física e social da cidade. Fazendo excelente uso de almanaques e, sobretudo, de fontes cartográficas, fontes notariais e cadastrais, ele revela as inúmeras novas passagens ao ar livre, becos e pátios são objeto de uma análise detalhada que explica seu progressivo adensamento e conversão em fábricas e oficinas. Longe da imagem de partes da cidade à margem da modernização, os espaços transformados do centro são vistos como centros ativos de outro progresso, de outra modernidade.

Gribaudi percebe que, progressivamente, mas sobretudo a partir de 1830, passa a haver uma consciência aguda e sem precedentes da realidade das relações de dominação que regem não só a organização do trabalho, mas também toda a sociedade. O espaço social de partida, aquele espaço lotado que contém e até gera lógicas econômicas e sociais de toda ordem, facilita e fomenta a consciência de classe, para dizer de forma sucinta. Assim como as relações de trabalho, as relações de sociabilidade estão amarradas no prédio, no quarteirão, no bairro. Os vários planos de ambos, bem como das primeiras sociedades de ajuda mútua de diferentes ofícios, dizem-nos não só das casas dos seus delegados e das instalações onde realizavam as suas assembleias, mas também do espaço relacional dos trabalhadores associados, normalmente adegas e lojas de vinhos e bebidas espirituosas. Os diferentes bairros e espaços de vizinhança estão claramente desenhados. Ainda não é possível falar de consciência operária ou de movimento operário, mas suas premissas estão sendo estabelecidas. É nesses espaços populares do centro da cidade que os trabalhadores reivindicam a redução da jornada de trabalho para dez horas, o reconhecimento de suas sociedades

e o direito de controlar diretamente as formas e a taxa de um trabalho que concebem como uma propriedade que lhes pertence e não ao patrão.

E é finalmente a partir da compreensão desse contexto, desses espaços e desses lugares que melhor podemos avaliar a força da “modernidade operária” diante da modernidade burguesa; essas duas modernidades opostas que lutaram em 1848 e terminaram com a trágica derrota dos sonhos da República democrática e social. Toda a obra de Napoleão III e do prefeito Haussmann nas duas décadas seguintes não será, e esse seria o corolário dramático do texto, mas a implementação categórica dos projetos mais radicais da burguesia que o autor havia analisado no primeiro bloco temático do livro. A haussmannização nada mais é do que a implementação de um plano especialmente concebido para destruir todos os núcleos físicos e sociais em que o sonho dos trabalhadores se desenvolveu.

Por fim, porém, deve-se notar que o grande mérito da análise realizada está no método utilizado, que deve servir como modelo. Por um lado, Maurizio Gribaudi, um conhecedor das ferramentas da micro-história, sabe como confrontar e fazer falar fontes muito variadas a fim de compreender a história daqueles que não deixaram traços escritos. A ausência de fontes discursivas tradicionais o forçou a recorrer a fontes indiretas e, assim, perceber muito rapidamente que as representações do mundo do trabalho eram apenas a projeção das representações da burguesia.

Considerações finais

Concluindo, a partir do que discutimos até aqui, fica claro o papel que a análise espacial toma na micro-história de Gribaudi. Ao longo de seu percurso como historiador preocupado em entender o desenvolvimento de Paris, o historiador italiano passa a ler a cidade como resultante de um conjunto de fatores ativos em diferentes níveis e em diferentes configurações locais. E para a compreensão desses elementos ele passou a pesquisar não somente as dinâmicas formais dos conjuntos urbanos, mas igualmente as interações complexas que aconteciam entre o nível local e o nível global e que governam esta dinâmica formal. Nessa ótica, ele sentiu necessidade de mobilizar os métodos e técnicas de análise dos sistemas complexos.

Para se aproximar desse objeto complexo em plena mutação (a cidade), a noção de morfogênese pôde trazer para as análises de Gribaudi uma dimensão suplementar ao estudo urbano, àquele da temporalidade, considerado como um *continuum* dinâmico mais que uma sequência de estados distintos. O estudo morfogenético adotado por ele se concentra mais precisamente em iluminar os elementos de organização que sustentam a existência e evolução das formas urbanas. Abordagem necessariamente dinâmica, pluridisciplinar e multidimensional, ela foge das modalidades e representações ditas clássicas que podem congelar a cidade num estado que

não corresponde por definição a nenhuma realidade urbana. Em tal perspectiva, várias disciplinas são interpeladas, tanto para a modelização e análise dos elementos formais (teorias dos grafos para a análise das redes urbanas, topologia), de sua dinâmica formal (matemática das formas e sistemas complexos) e para o estudo das interações com os fenômenos sócio-históricos (práticas sociais inscritas no território, formas de representação do espaço e de suas possíveis evoluções, normativas e intervenções institucionais, memórias etc.).

O que Gribaudi sugere é que observemos a evolução de uma cidade não somente a partir de uma visão macro, vista de cima, mas por meio de vários níveis de escala. Todavia, o impacto relativo de cada uma delas muda ao longo do tempo e em função de relações de força que são frequentemente expressões de visões e de interesses diferentes e, às vezes, opostos.

Na verdade, essa leitura mais detalhada realizada por Gribaudi das formas de evolução urbana revela de fato que essas intervenções eram antes de tudo expressão de uma escolha política que recuperava, através do complexo patrimônio morfológico da cidade, a leitura hierarquizada e burguesa da capital, amparada numa visão centralizada do poder. Os novos boulevards com seus teatros, câmaras de comércio, estações e mercados, assinam claramente essas formas práticas de representação das novas elites. Assim, através das demolições e especulações daí derivadas é estabelecida uma ruptura em relação à evolução social e morfológica do centro da cidade.

Finalizando, é importante comparar as perspectivas espaciais do historiador italiano com algumas daquelas que tratamos anteriormente. A meu ver, Gribaudi complexifica, e muito, relato da urbanização oitocentista produzida por Harvey em *Paris, Capital da Modernidade* (Harvey 2015). Para este, o capitalismo produziria sua própria geografia, construindo formas específicas de ambientes urbanos, que engendram modos particulares de consciência humana. Ou seja, a burguesia seria, quase que sozinha, responsável por uma nova maneira de se viver o espaço. Não para Gribaudi. O historiador italiano nos mostra uma outra modernidade advinda da ocupação espacial do centro de Paris pelo operariado francês, revelando um processo de luta e conflito de classes na França entre os séculos XVIII e XX. Nesse sentido, ele se aproxima bastante da perspectiva de Garner, produzindo uma bela descrição das diferentes perspectivas de vivência do espaço. O espaço é visto em seus últimos trabalhos, não como um local, mas é constantemente reestruturado como consequência de processos sociais.

Toda essa discussão nos permite construir a hipótese de que a noção de produção do espaço envolve os momentos de produção e criação, fazendo do espaço, ao mesmo tempo, e dialeticamente, obra e produto: como produto da sociedade e como obra de sua história. Em síntese, as relações sociais ocorrem num determinado lugar sem o qual não se concretizariam, num espaço fixado ou determinado que marcaria a duração da ação. Essa prática realiza-se no plano do

lugar, exponha a realização da vida humana nos atos da vida quotidiana, enquanto o modo de apropriação que se realiza através das formas e possibilidades da apropriação e uso dos espaços tempos no interior da vida quotidiana.

Desse modo, a noção de produção traz questões importantes, pois seu sentido desvela os conteúdos do processo produtivo, dos sujeitos produtores, dos agentes da produção material do espaço, das finalidades que orientam essa produção no conjunto de determinada sociedade bem como a suas formas de apropriação. Essa produção distingue-se das outras em seu significado e, por essa razão, apresenta outras implicações. Se a produção tem por conteúdo relações sociais, tem também uma localização no espaço. Assim, a produção do espaço e produção das atividades no espaço, portanto, as atividades humanas se localizam diferencialmente no espaço, criando uma morfologia.

Referências bibliográficas:

Agnew, John. *Place and Politics*. Boston: Unwin Hyman, 1990.

Buttimer, Anne e David Seamon. *The Human Experience of Space and Place*. London: Croom Helm, 1980.

Geertz, Clifford. *A interpretação das culturas*. São Paulo: LTC, 1981.

Gribaudi, Maurizio. “Histoire Sociale et Formalisation Statistique.” Em: *Territorios distantes, comportamientos similares: familias, redes y reproducción social en la monarquía hispanica, siglos XIV-XIX*, org. Antonio Irigoyen López e Sebastián Molina Puche. Murcia, Universidad de Murcia, 2009a, 35-63.

Gribaudi, Maurizio. “Le savoir des relations liens et racines d'une administration centrale dans la France du XIXe siècle”. *Mouvement Social*, septembre 2009b : 68-102.

Gribaudi, Maurizio. “Les formes d'un passé lointain – l'intrigue monographique et l'histoire”. *Les Etudes Sociales*, n.138, (2004): 57-98.

Gribaudi, Maurizio. “Passages et Phalanstère – espaces urbains et visions utopiques”. *Cahiers Charles Fourier*, n. 21, (2010): 23-48.

Gribaudi, Maurizio. “Ruptures et continuités dans l'évolution de l'espace parisien. L'îlot de la Trinité entre XVIIIe et XIXe siècles”. *Histoire & Mesure*, n.2, (2009c) : 88-103.

Gribaudi, Maurizio, org. *Espaces, temporalités, stratifications. Exercices sur les réseaux sociaux*. Paris : Découverte, 1998.

Gribaudi, Maurizio. “Escala, pertinência, configuração.” Em: *Jogos de Escalas*, org. Jacques Revel. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998, 121-150.

Gribaudi, Maurizio. *Itinéraires ouvriers. Espaces et groupes sociaux à Turin dans la première moitié du XXe siècle*. Paris: EHESS, 1987.

Gribaudi, Maurizio. *Paris, ville ouvrière: une histoire occultée. 1789-1848*, Paris: La Découverte, 2014.

Gribaudi, Maurizio. “Percursos individuais e evolução histórica: quatro trajetórias operárias na França do século XIX”. Em: *Espaços, escalas e práticas sociais na micro-história italiana*, org. Deivy Carneiro e Maíra Vendrame. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2021.

Harvey, David. *Paris, capital da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015.

Lenoir, Joëlle e Maurizio Gribaudi. "Les passages ouverts. La modernité oubliée de Paris capitale". *Histoire urbaine*, n.36 (2013): 73-103.

Levi, Giovanni. *A Herança Imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Relph, Edward. *Place and Placelessness*. London: Pion, 1976.

Torre, Angelo. *Production of Locality in the early modern and modern age*. London: Routledge, 2020.

Tuan, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013.

Tuan, Yi-Fu. *Space and Place: The Perspective of Experience*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.

Tuan, Yi-Fu. *Topophilia: A Study of Environmental Perception, Attitudes and Values*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall, 1974.

Vendrame, Maíra Inês. "A produção social de lugares". Em: *Territórios da História: o micro, o local e o global*. Org. Maíra Inês Vendrame e Alexandre Karsburg. São Paulo: Alameda, 2023, 187-222.

Withers, Charles. "W. J. Place and the "Spatial Turn" in Geography and in History". *Journal of the History of Ideas*, 70, n. 4, (2009): 637-658.

Recebido: 20 de fevereiro de 2020

Aprovado: 10 de junho de 2020